AURAS

UM ENSAIO SOBRE O SIGNIFICADO DAS CORES

EDGAR CAYCE

TRADUÇÃO: AMADEU ANTÓNIO

AURAS

Um Ensaio Sobre o SIGNIFICADO DAS CORES

Edgar Cayce 1945

P R E F Á C I O

O ensaio aqui contido é o último trabalho em que Edgar Cayce pôs a mão. O diagrama de cores foi-me devolvido com correções na sua própria caligrafia, escrita de forma desajeitada. Junto vinha uma nota, também manuscrita: «Não consigo usar a minha máquina de escrever», dizia. «Perdi o uso do braço esquerdo e a perna direita está dormente. Presumo que tive um pequeno derrame.»

Isso aconteceu em setembro. Um mês antes, na minha varanda aqui em Clearwater, enquanto observávamos os golfinhos a brincar no Golfo do México e admirávamos os pores do sol espetaculares, planeámos o livreto. A aura humana era um dos nossos temas de conversa favoritos; sempre que nos encontrávamos, eu interrogava-o sobre a sua capacidade de ver cores a emanar das pessoas, e ele tinha sempre novas e interessantes anedotas acerca dessa estranha faculdade, que — por funcionar enquanto estava plenamente consciente — o intrigava, de muitas maneiras, mais do que o seu dom de dar leituras. Pelo menos entretinha-o mais no momento em que acontecia, pois apesar de todas as leituras que deu, nunca ouviu nenhuma. Durante todas as partes mais interessantes da sua vida, ele estava a dormir.

Estávamos a trabalhar num novo programa de publicações durante essa visita, e ocorreu-me que um artigo curto mas instrutivo sobre auras seria útil para os membros da Associação, especialmente se trouxesse a interpretação de Cayce sobre as cores, desenvolvida ao longo de muitos anos por paciente tentativa e erro. Fiz-lhe a sugestão e ele deu-me a resposta habitual — que não sabia o suficiente sobre o assunto, não tinha formação nisso, etc., ad infinitum. Tinha uma opinião muito baixa de tudo o que dizia em estado de vigília. Então reformulei a proposta. Perguntei-lhe se colaboraria comigo, e como aparentemente não tinha força para me

recusar nada do que eu pedisse (tal como não conseguia recusar a ninguém), disse que sim.

Começámos imediatamente ali na varanda, e eu comecei a tomar notas. Quando o texto ficou pronto, ele já tinha regressado a Virginia Beach, adoecera e estava em Roanoke a descansar. No início de dezembro foi trazido para casa, na Arctic Crescent. Ali, na noite de 3 de janeiro de 1945, faleceu.

Recordo-o daqueles dias de agosto por tantas coisas. Estava tão magro, cansado e melancólico. No entanto, o seu rosto iluminava-se com uma alegria transcendente quando me via entrar na água e nadar de costas na água quente e calma. Adorava os pinheiros australianos à frente da nossa casa de praia e queria que lhe enviássemos alguns para Virginia Beach, para plantar ao longo do lago atrás da casa. Ficou desapontado ao saber que não prosperariam tão a norte.

«Então terei de vir para cá», disse ele. «Arranja um lugar e comprámo-lo juntos. Posso descansar aqui. Sonhei a outra noite que estava num comboio a caminho da Florida. Já me tinha reformado e ia viver aqui.»

Insisti para que ficasse mais tempo comigo; pressionei-o para que abandonasse as intermináveis e extenuantes horas que passava a responder à pilha crescente de correspondência. Sugeri que passasse o tempo a pescar e a jardinar, exceto nas alturas em que dava leituras. Mas estes pedidos pareciam-lhe irrazoáveis. Nas cartas que chegavam havia histórias de infortúnio e sofrimento. Cada uma era um grito de socorro. Ele ouvi-lo-ia tão bem no jardim ou no cais. Se pudesse responder de imediato, não se importaria tanto. Mas quando tinha de adiar a leitura — primeiro por semanas, depois por meses, depois por um ano ou mais —, o seu coração ficava pesado e a mente entorpecia-se com o fardo da sua impotência. Embora ficasse a dormir mais tempo do que nunca e aumentasse a produção de leituras a níveis sem precedentes, conseguia fazer apenas uma pequena mossa na pilha de pedidos. Foi isto, mais do que qualquer outra coisa, que o quebrou.

No dia em que partiu, acompanhámo-lo de carro até Lakeland. Pelo caminho parámos e fizemos um piquenique. Juntos revimos os nossos planos: a publicação e a investigação deviam gradualmente passar a ser o foco principal do trabalho da Associação, tornando disponível a todos a sabedoria e a instrução das leituras.

Gradualmente, ele devia reduzir o seu próprio trabalho até que este se limitasse principalmente a leituras gerais sobre temas de investigação e para orientação e instrução. Dessa forma, o melhor que tinha para dar estaria disponível para todos. Assim viveria muito tempo e ajudaria toda a gente, estávamos certos.

Em Lakeland, saiu do carro, virou-se para me sorrir e apertar a mão. «Bem, quando nos voltarmos a encontrar, tudo estará resolvido da melhor forma», disse. Outubro era a data que tínhamos combinado. Ele regressaria então para um descanso mais longo.

Mas os sonhos que lhe vieram aqui ao nosso sol, e os sussurros que ouviu nos pinheiros australianos, eram promessas de outra terra. Ele descansará lá, e tal como disse, quando nos voltarmos a encontrar, tudo estará resolvido da melhor forma.

Dois dias após a sua morte chegaram as provas deste livreto. Nelas está a sua última mensagem, um apelo à fé, à esperança e à caridade, e acima de tudo, à coragem e à sabedoria para nos envolvermos no que Stephen MacKenna descreveu como «uma vida mental ativa, com um pouco de amor para a aquecer». Pois o fardo de todas as leituras é a necessidade de o homem carregar a sua cruz — «A mente é o construtor: o conhecimento não vivido torna-se pecado; em cada pessoa, seja qual for a sua posição, não procure coisas para criticar, mas algo que adore no seu Criador; pois não entrará no reino dos céus senão apoiado no braço de alguém a quem ajudou.»

—Thomas Sugrue Clearwater Beach, Fla., 15 de janeiro de 1945.

NOTA: Thomas Sugrue, autor de *There is a River*, a biografia autorizada de Edgar Cayce, foi vítima de uma rara doença paralisante e foi salvo da imobilidade completa e de uma morte quase certa pelas «leituras» de Cayce. Este prefácio, escrito

poucos dias após a morte de Edgar Cayce, revela o profundo vínculo pessoal e espiritual entre os dois homens.

AURAS

Desde que me lembro, sempre vi cores associadas às pessoas. Não me recordo de uma altura em que os seres humanos que encontrava não se registassem na minha retina com azuis, verdes e vermelhos a fluir suavemente das suas cabeças e ombros. Demorei muito tempo a perceber que as outras pessoas não viam estas cores; demorei muito tempo a ouvir a palavra «aura» e a aprender a aplicá-la a este fenómeno que, para mim, era comum. Nunca penso nas pessoas sem as associar às suas auras; vejo-as mudar nos meus amigos e entes queridos ao longo do tempo — doença, desânimo, amor, realização — tudo isso se reflete na aura, e para mim a aura é a bússola da alma. Mostra para que lado sopram os ventos do destino.

Muitas pessoas conseguem ver auras; muitas tiveram experiências semelhantes à minha — sem saberem durante muitos anos que se tratava de algo único. Uma das minhas amigas, membro da Associação, contou-me o seguinte:

Durante toda a minha infância via cores associadas às pessoas, mas não percebia que era algo incomum. Um dia, a aparência de uma mulher do nosso bairro pareceu-me estranha, embora naquele momento não conseguisse identificar nada de estranho nela. Quando cheguei a casa, apercebi-me de repente de que ela não tinha cores à sua volta. Poucas semanas depois, essa mulher morreu. Foi a minha primeira experiência com o que aprendi a considerar uma ação natural da natureza.

Aparentemente, a aura reflete as vibrações da alma. Quando uma pessoa está marcada pela morte, a alma começa a retirar-se e a aura desvanece-se naturalmente. No final, resta apenas uma ligação ténue e a rutura é fácil. Ouvi dizer que, quando as pessoas morrem subitamente, em acidentes, a passagem é muito difícil porque o caminho não foi preparado.

A aura de uma pessoa diz muito sobre ela, e quando percebi que poucas pessoas a viam e que tinha um significado espiritual, comecei a estudar as cores com a intenção de descobrir o seu significado. Ao longo dos anos construí um sistema que, de tempos a tempos, verifiquei com outras pessoas que veem auras. É interessante notar que, em quase todas as interpretações, essas outras pessoas e eu concordamos. Só diferimos em relação às cores que estão nas nossas próprias auras. Isso é curioso, pois mostra quão universais são as leis da natureza.

Sabemos que os opostos se atraem e os semelhantes se repelem. Pois bem, tenho muito azul na minha aura e a minha interpretação dessa cor nem sempre coincide com a de uma pessoa cuja aura não o contém e que, por isso, a interpreta de forma objetiva. Uma senhora que conheço tem muito verde na sua aura e tende a não gostar do verde na aura dos outros, atribuindo-lhe uma interpretação desagradável, quando na verdade é a cor da cura e uma cor excelente de se ter.

Ocasionalmente encontrei em livros dedicados às ciências ocultas definições de cores, e estas geralmente estão de acordo com o que descobri pela experiência ser verdade. A leitura de uma aura específica, no entanto, é uma competência que se adquire ao longo de muito tempo, por observação constante e interminável tentativa e erro. A mistura das cores, a sua relação entre si e a predominância de uma sobre as outras são aspetos que devem ser considerados antes de se emitir um juízo.

Geralmente consigo «ler» melhor as pessoas que conheço do que estranhos, embora certas características gerais dos estranhos me saltem imediatamente à vista. Mas para ser útil, acho melhor conhecer o indivíduo. Então posso avisá-lo quando vejo os lampejos de sucesso e realização, ou preveni-lo quando a melancolia ou a doença ameaçam. Claro que não faço isso profissionalmente. Nem pensaria nisso. Mas acredito que é uma capacidade que todas as pessoas algum dia possuirão, e por isso quero fazer o que puder para habituar as pessoas à ideia das auras, para que pensem em termos de auras, para que comecem a tentar ver-se a si próprias.

Disseram-me que, com o equipamento adequado, é possível a quase qualquer pessoa ver uma aura. Foram construídos aparelhos para esse fim, e cheguei a conhecer um professor que disse não só ter visto auras, mas tê-las medido e pesado no seu laboratório.

De onde vêm as cores e o que as faz mudar e deslocar-se? Bem, a cor parece ser uma característica da vibração da matéria, e as nossas almas parecem refleti-la neste mundo tridimensional através de padrões atómicos. Somos padrões, e projetamos cores que estão lá para quem as consegue ver.

No seu notável livro *Pain, Sex, and Time*, Gerald Heard, ao falar das evidências da evolução da consciência, destaca que a nossa capacidade de ver cores está a expandir-se. A cor mais fácil de ver, como sabes, é o vermelho. Nessa extremidade do espetro, as ondas de luz são longas. Na outra extremidade, onde o azul se funde com o índigo e o violeta, as ondas são curtas. Segundo Heard, que é um académico fiável, a nossa capacidade de ver o azul é muito recente. Os nativos que vivem junto ao Nilo Azul, em África, não o conhecem por esse nome.

O termo que usam, quando traduzido, significa castanho. Homero, ao longo de toda a *Ilíada* e da *Odisseia*, descreve o Mediterrâneo como o «mar cor de vinho escuro». Heard diz que, aparentemente, Homero captou «o ligeiro tom avermelhado no roxo do Mediterrâneo», mas não viu o seu azul predominante. Aristóteles, por sua vez, afirmou que o arco-íris tinha apenas três cores: vermelho, amarelo e verde. Todos sabemos que a perspetiva na pintura é recente e, aparentemente, continua por desenvolver em muitos povos primitivos até aos dias de hoje, pois viajantes em ilhas remotas do Pacífico constataram que os nativos, ao verem filmes, não conseguem perceber nada além de uma superfície plana — os seus olhos não conseguem dar tridimensionalidade às imagens.

Assim, parece que os nossos olhos estão gradualmente a ganhar poder. Tenho ouvido muitas pessoas comentarem a prevalência de óculos entre as populações civilizadas. Parecem considerar isso algo negativo. Será que isso resulta de um esforço constante dos nossos olhos para verem mais e nos levarem ao

próximo passo da evolução? Penso que sim e que isso será reconhecido no futuro. Os japoneses, por exemplo, estão a emergir recentemente de uma civilização medieval e, ao tentarem ver as coisas que nós já percebemos, esforçaram tanto os olhos que quase todos usam óculos.

O que significará para nós se dermos esse próximo passo evolutivo? Bem, significará que poderemos ver auras. O que é que isso implicará? Vou responder contando duas experiências de uma amiga minha que consegue ver auras.

Esta pessoa, uma mulher, contou-me o seguinte:

Sempre que uma pessoa — seja um estranho, um amigo íntimo ou um familiar — decide dizer-me uma mentira ou evitar uma resposta direta e franca a uma pergunta minha, vejo uma faixa de verde-limão atravessar a sua aura, horizontalmente, mesmo acima da cabeça. Chamo-lhe «verde gás-de-iluminação», e nunca falhou como indício de evasão ou falsidade. Fui professora durante muitos anos e os meus alunos ficavam maravilhados com a minha capacidade de os apanhar em qualquer desvio da verdade.

Imagina o que isso significará — toda a gente a conseguir ver quando planeias dizer uma mentira, mesmo que seja uma mentirinha branca. Teremos todos de ser francos, pois deixará de existir tal coisa como a falsidade!

Agora deixa-me contar-te o outro episódio.

Um dia, numa grande cidade, entrei numa loja de departamentos para fazer compras. Estava no sexto andar e chamei o elevador. Enquanto esperava, reparei em uns bonitos sweaters vermelhos e pensei que gostaria de os ver de perto. No entanto, já tinha chamado o elevador e, quando ele chegou, avancei para entrar. Estava quase cheio de pessoas, mas de repente senti-me repelida.

O interior da cabina, embora bem iluminado, parecia-me escuro. Algo estava errado. Antes que pudesse analisar a minha reação, disse ao operador: «Vai andando», e recuei. Fui ver os sweaters e só então percebi o que me tinha deixado inquieta. As

pessoas no elevador não tinham aura. Enquanto examinava os sweaters, que me tinham atraído pelas suas cores vermelhas vivas — a cor do vigor e da energia —, o cabo do elevador partiu-se, a cabina caiu até ao rés-do-chão e todos os ocupantes morreram.

Vês o que a capacidade de ver auras significará quando se tornar comum. O perigo, as catástrofes, os acidentes, a morte, não virão sem aviso. Veremos tudo a aproximar-se, tal como os profetas antigos; e, tal como eles, reconheceremos e acolheremos a nossa própria morte, compreendendo o seu verdadeiro significado.

É difícil projetarmo-nos num mundo assim, um mundo onde as pessoas verão os defeitos e as virtudes umas das outras, as fraquezas e as forças, as doenças, as infelicidades, os sucessos iminentes. Ver-nos-emos como os outros nos veem e seremos um tipo de pessoa completamente diferente, pois quantos dos nossos vícios persistirão quando todos eles forem conhecidos por toda a gente!

Mais um comentário sobre as possibilidades do futuro; depois voltaremos ao presente mais mundano. Outra pessoa que vê auras contou-me isto uma vez:

Se estou a falar com alguém e ele faz uma afirmação de opinião que reflete um preconceito adquirido numa vida anterior, vejo, enquanto ele fala, uma figura na sua aura, que é o reflexo da personalidade que ele foi nessa época — vejo, isto é, o corpo de um grego, de um egípcio, ou do que quer que ele tenha sido. Assim que passamos a outro assunto e a opinião adquirida nessa encarnação desaparece, a figura desaparece também. Mais tarde ele expressará outra visão. Talvez diga: «Sempre adorei Itália e quis lá ir», e enquanto fala vejo a figura de um homem do Renascimento ou de um antigo romano. Durante uma tarde de conversa, posso ver seis ou oito destas figuras.

Bem, o que é isso senão uma Leitura de Vida, exceto pelas interpretações e juízos? Pareceu-me tão estranho quando o ouvi que fiquei inclinado a ser cético, até que uma noite ao entardecer, sentado na varanda da casa de um amigo, vi o fenómeno eu próprio. O meu amigo estava a falar com entusiasmo para um grupo

de pessoas e fez uma interpretação da história inglesa. Na sua aura vi a figura de um jovem monge, e recordei que, na sua Leitura de Vida, este amigo tinha sido identificado como um monge em Inglaterra.

«Mas o que significam as auras para a maioria das pessoas, que não as conseguem ver?», poderás perguntar. Bem, acredito que a maioria das pessoas as vê, mas não se apercebe disso. Penso que qualquer pessoa consegue perceber, de forma geral, qual é a aura de outra se prestar atenção às cores que essa pessoa usa habitualmente na roupa e na decoração. Quantas vezes disseste de uma mulher: «Porque usa ela aquela cor? Não lhe fica nada bem.» Quantas vezes disseste: «Como ela fica linda nesse vestido. A cor é perfeita para ela.

Foi feita para usar essa cor.» Em ambos os casos estavas a ler uma aura. A primeira mulher usava uma cor que chocava com a sua aura. A segunda usava uma cor que harmonizava com a sua aura. Todos sabemos quais as cores que ajudam os nossos amigos e realçam o melhor neles. São as cores que vibram na mesma frequência da aura e, assim, a fortalecem e intensificam. Observando atentamente, podes até descobrir mudanças nos teus amigos refletidas numa mudança na cor predominante no guarda-roupa deles.

Deixa-me dar-te um exemplo relacionado com a saúde, tal como indicada na aura. Conheci um homem que, desde rapaz, só usava azul — muitas vezes vi-o com fato azul, camisa azul, gravata azul e até meias azuis. Um dia entrou numa loja para comprar gravatas e ficou surpreendido ao ver que tinha escolhido várias de cor bordô. Ficou ainda mais surpreendido quando, com o tempo, começou a escolher camisas com riscas granada e conjuntos de gravatas e lenços em vários tons de escarlate. Isso continuou durante vários anos, período em que se tornou mais nervoso e cansado. Estava a trabalhar demasiado e acabou por sofrer um esgotamento nervoso.

Durante esse tempo, o vermelho ganhou proeminência na sua aura. Depois, o cinzento — a cor da doença — começou a infiltrar-se no vermelho, mas à medida que recuperava, o cinzento

desapareceu e o azul começou a «comer» o vermelho. Eventualmente, todo o vermelho foi consumido e ele ficou bem. Nunca mais usou nada vermelho, escarlate ou bordô.

Num outro caso, uma mulher que habitualmente usava verdes e amarelos foi a uma loja de vestidos que frequentava há anos. A proprietária trouxe vários vestidos, mas pareceu perplexa quando a senhora os experimentou. «Não sei o que é», disse a proprietária, «mas precisa de algo vermelho ou cor-de-rosa. Nunca pensei que pudesse usar essas cores, mas agora algo em si parece pedi-las.» A senhora acabou por comprar um vestido com riscas vermelhas. Um mês depois estava no hospital, com um problema nervoso. Recuperou e continuou a frequentar a mesma loja, mas a proprietária nunca mais lhe sugeriu que usasse vermelho ou cor-de-rosa.

Vermelho

O vermelho é a primeira das cores primárias e, na simbologia antiga, representava o corpo, a terra e o inferno — os três significando a mesma coisa nas antigas religiões de mistério. A terra era o mundo irracional para onde a alma descia do céu. O corpo era a forma terrena que mantinha a alma cativa. O céu era azul, e o espírito era azul. A mente associava-se ao amarelo. É interessante notar que, em alguns sistemas metafísicos, o azul é considerado a verdadeira cor do sol; isto é, se estivéssemos fora da Terra, veríamos o sol como uma luz azul — suave, poderosa e espiritual. A cor amarela resultaria da colisão dos raios solares com a atmosfera terrestre. Como a maior arma espiritual do homem é o intelecto, é natural que a mente seja associada à cor do sol neste mundo.

Quanto ao significado do vermelho, indica força, vigor e energia. A sua interpretação depende da tonalidade e, como em todas as cores, da relação com as outras cores. Vermelho escuro indica temperamento forte e é símbolo de turbulência nervosa. Uma pessoa com vermelho escuro na aura pode não parecer fraca exteriormente, mas sofre de alguma forma, e isso reflete-se no seu sistema nervoso. Tais pessoas tendem a ser dominadoras e rápidas a agir. Se a tonalidade for clara, indica uma pessoa nervosa,

impulsiva, muito ativa e provavelmente egocêntrica. Escarlate indica excesso de ego. Cor-de-rosa ou coral é a cor da imaturidade. Aparece geralmente em jovens e, se surge na aura de um adulto, indica adolescência tardia, uma preocupação infantil com o eu. Em todos os casos de vermelho há tendência para problemas nervosos, e essas pessoas devem reservar tempo para a quietude e para saírem de si próprias.

O vermelho é a cor do planeta Marte e corresponde ao dó, a primeira nota da escala musical. No cristianismo primitivo, significava o sofrimento e a morte de Cristo, e era a cor da guerra, da luta e do sacrifício.

Laranja

O laranja é a cor do sol. É vital e, em geral, uma boa cor, indicando consideração e pensamento pelos outros. No entanto, depende da tonalidade. Laranja dourado é vital e indica autocontrolo, enquanto laranja castanho revela falta de ambição e uma atitude de indiferença. Essas pessoas podem ser reprimidas, mas geralmente são apenas preguiçosas. Pessoas com laranja na aura são propensas a problemas renais.

Na igreja primitiva, o laranja significava glória, virtude e os frutos da terra, tudo naturalmente ligado ao sol. Na escala musical, a nota ré corresponde ao laranja.

Amarelo

O amarelo é a segunda cor primária. Quando é amarelo dourado, indica saúde e bem-estar. Essas pessoas cuidam bem de si, não se preocupam e aprendem facilmente; têm uma boa mentalidade natural. São felizes, amigáveis e prestáveis. Se o amarelo for avermelhado, indicam timidez. Se forem ruivas, tendem a ter complexo de inferioridade. São assim frequentemente indecisas e fracas de vontade, inclinadas a deixar que os outros as guiem.

Na escala musical, a nota mi corresponde ao amarelo, e Mercúrio é o planeta desta cor.

Verde

O verde-esmeralda puro, especialmente se tiver um toque de azul, é a cor da cura. É útil, forte e amigável. É a cor dos médicos e enfermeiros, que invariavelmente têm muito verde nas suas auras. No entanto, raramente é uma cor dominante, sendo geralmente ofuscada por uma das suas cores vizinhas. À medida que tende para o azul, torna-se mais útil e confiável. À medida que tende para o amarelo, enfraquece. Um verde-limão, com muito amarelo, é enganador. Como regra geral, o verde profundo e curativo aparece em pequenas quantidades, mas é bom ter um pouco dele na aura.

Saturno é o planeta desta cor, e fá é a sua nota musical. Na igreja primitiva, simbolizava a juventude e a fertilidade da natureza, retirando naturalmente esta associação da visão dos campos na primavera.

Azul

O azul tem sido sempre a cor do espírito, o símbolo da contemplação, da oração e do céu. O céu é azul porque as moléculas de gás no ar fazem com que os raios de luz do sol se espalhem. Esta é a explicação científica, mas, como já mencionei antes, diz-se que o azul é a verdadeira cor do sol e também a cor do planeta Júpiter, que rege os grandes pensamentos e a elevação de espírito.

Quase qualquer tipo de azul é bom, mas os tons mais profundos são os melhores. O azul pálido indica pouca profundidade, mas uma luta em direção à maturidade. A pessoa pode não ser talentosa, mas esforça-se. Terá muitos desgostos e dores de cabeça, mas continuará no caminho certo. O azul médio, ou turquesa, pertence a uma pessoa que trabalhará mais e realizará mais do que a do azul claro, embora possa haver pouca diferença entre eles em talento.

Aqueles com azul profundo encontraram o seu trabalho e estão imersos nele. Tendem a ser melancólicos e são quase sempre pessoas invulgares, mas têm uma missão e dedicam-se firmemente a cumpri-la. São, na sua maioria, espiritualmente inclinados, e a sua vida costuma ser dedicada a uma causa altruísta, como a ciência, a

arte ou o serviço social. Vi muitas Irmãs da Misericórdia com este azul escuro, e também muitos escritores e cantores.

A nota musical do azul é sol, e na igreja primitiva esta cor era atribuída às mais altas conquistas da Alma.

Índigo e Violeta

O índigo e o violeta indicam buscadores de todos os tipos, pessoas que procuram uma causa ou uma experiência religiosa. No entanto, à medida que estas pessoas se estabelecem nas suas carreiras e crenças, estas cores geralmente regressam ao azul profundo. Parece que, uma vez que o propósito está corretamente orientado, o azul é uma emanação natural da alma. Aqueles que têm roxo tendem a ser dominadores, pois aqui há uma infiltração de cor-de-rosa. Problemas cardíacos e estomacais são relativamente comuns em pessoas com índigo, violeta e roxo nas suas auras.

Vénus é o planeta do índigo, e lá é a sua nota musical. A Lua é o planeta do violeta e si é a sua nota musical. Na igreja primitiva, índigo e violeta significavam humilhação e tristeza.

A cor perfeita, claro, é o branco, e é para isso que todos nós aspiramos. Se as nossas almas estivessem em perfeito equilíbrio, todas as nossas vibrações de cor fundir-se-iam e teríamos uma aura de branco puro. Cristo tinha esta aura, e ela é mostrada em muitas pinturas Dele, especialmente nas que O retratam após a ressurreição. Recordas que Ele disse no túmulo: «Não me toques, pois acabei de ressuscitar.» Penso que o disse como aviso, pois as vibrações do Seu ser devem ter sido, naquele momento, tão poderosas que qualquer pessoa que Lhe tocasse teria morrido — eletrocutada como por um fio vivo.

A cor é luz, e a luz é a manifestação da criação. Sem luz não haveria vida nem existência. A luz é, na verdade, a principal testemunha da criação. À nossa volta há cores que não conseguimos ver, tal como há sons que não conseguimos ouvir e pensamentos que não conseguimos apreender. O nosso mundo de compreensão é muito pequeno. Só conseguimos ver as poucas

cores entre o vermelho e o violeta. Para lá do vermelho num lado e do violeta no outro existem incontáveis cores desconhecidas, algumas delas tão brilhantes e maravilhosas que, sem dúvida, ficaríamos cegos se por acaso as pudéssemos ver.

Mas no facto destas cores que não vemos, destes sons que não ouvimos, destes pensamentos que não apreendemos, reside a esperança da evolução e a promessa da eternidade. Este é um mundo pequeno e estreito, e para além dele estão as glórias que aguardam as nossas almas. Mas se trabalharmos para expandir a nossa compreensão e a nossa consciência, podemos recuar um pouco os limites mesmo enquanto estamos aqui, e assim ver um pouco mais, compreender um pouco mais.

Quinhentos anos antes do nascimento de Cristo, Pitágoras, o primeiro filósofo, usava cores para curar. Hoje, a ciência médica está apenas a começar a ver as possibilidades deste método. Se as cores são vibrações de forças espirituais, deveriam poder ajudar a curar as nossas enfermidades mais profundas e subtis. Juntamente com a música, que é uma força espiritual afim, formam uma grande esperança para a terapia do futuro.

Mas não penso que a terapia de cores se torne generalizada ou prática até que aceitemos a verdade das auras e nos habituemos a lê-las para descobrir que desequilíbrio está a perturbar uma pessoa. Claro que não podemos transformar todas as auras numa luz branca pura, mas podemos aprender a detetar sinais de perturbações físicas, mentais e nervosas, e tratá-las de forma adequada.

Uma aura é um efeito, não uma causa. Cada átomo, cada molécula, cada grupo de átomos e moléculas, por mais simples ou complexo, grande ou pequeno, conta a história de si próprio, do seu padrão, do seu propósito, através das vibrações que dele emanam. As cores são as perceções destas vibrações pelo olho humano. À medida que as almas dos indivíduos viajam pelos reinos do ser, alteram e mudam os seus padrões conforme usam ou abusam das oportunidades que lhes são apresentadas. Assim, em qualquer momento, em qualquer mundo, uma alma emitirá através das vibrações a história de si própria e a condição em que agora existe.

Se outra consciência conseguir apreender essas vibrações e compreendê-las, saberá o estado do seu semelhante, a dificuldade em que ele se encontra ou o progresso que alcançou.

Portanto, quando vejo uma aura, vejo o homem tal como ele é, embora os detalhes estejam ausentes. Acredito que os detalhes estão lá, mas faltam à minha perceção e compreensão. Pela experiência, aprendi a deduzir bastante pela intensidade das cores, pela sua distribuição e pelas posições que ocupam. A aura emana de todo o corpo, mas geralmente é mais densa e mais fácil de ver à volta dos ombros e da cabeça, provavelmente por causa dos muitos centros glandulares e nervosos localizados nessas partes do corpo. Os tons escuros geralmente denotam mais aplicação, mais força de vontade, mais espírito.

A cor básica muda à medida que a pessoa se desenvolve ou retrocede, mas os tons mais claros e os pastéis misturam-se e mudam mais rapidamente à medida que o temperamento se expressa. A mente, construtora da alma, é o fator essencial que governa a aura; mas a alimentação, o ambiente e outras condições também têm o seu efeito. Por vezes, forças externas provocam uma mudança. Encontrei uma vez um homem na cuja aura vi um feixe de luz a descer sobre o ombro esquerdo. Nele havia algum branco, muito verde e muito vermelho misturado com azul.

Li isto como um sinal de que o homem estava a receber informação de forma inspiracional, que usava para fins construtivos. Perguntei-me se seria escritor, pois pareceu-me que seria uma aura adequada para esse trabalho. Perguntei-lhe, e ele disse-me que, embora tivesse sido escritor, agora dedicava-se a dar palestras e a ensinar, continuando a transmitir informação para ajudar os outros.

A forma da aura por vezes é útil. Nas crianças, por exemplo, é possível saber se será necessário muito treino por exemplo, ou se a instrução verbal será suficiente. Se a criança for razoável e aceitar instrução nesse sentido, a aura será como uma coroa ondulante. Se for necessário exemplo, a aura será uma figura mais definida, com pontas aguçadas e uma variedade de cores. Se a criança pretender ser uma lei em si própria, a aura será como uma corrente ondulante, mais baixa do que a posição de uma coroa, envolvendo

também os ombros além da cabeça. Na aura verde dos curadores, se a cor tremer ao subir, a pessoa é extremamente simpática. Várias vezes vi pessoas cujas auras tinham pequenos ganchos de luz aqui e ali. Em cada caso, o homem tinha um cargo de supervisor de grandes grupos de outros homens, um diretor e líder.

Deixa-me dar-te alguns exemplos de leitura de auras. Não são completos, apenas algumas notas tiradas um dia no final do nosso congresso anual, quando eu estava sentado com alguns dos membros que tinham assistido às nossas reuniões. Como os conhecia a todos, dei-lhes apenas uma indicação da condição geral das suas auras.

Mulher de meia-idade:

A tua aura mudou mais nos últimos três dias do que qualquer outra que eu já tenha visto. Os teus pensamentos e ideias vaguearam das alturas aos abismos. Por vezes a aura esteve muito bela, noutras nem por isso. Vi muito das cores baixas e opacas à tua volta. Evidentemente, algo te tem preocupado. É mais mental do que físico.

Jovem mulher, secretária:

Ultimamente tem havido muito vermelho à tua volta, o que significa que tens andado bastante desafiadora. Muitas vezes vi linhas a sair dos teus dedos quando não consigo ver a aura à volta do teu rosto. Provavelmente porque pensas com os dedos, escrevendo tanto. Nos últimos dias tens tido muito roxo, o que significa que o espiritual se misturou com a tua rebeldia; o teu desejo e esperança por coisas melhores influenciaram as tuas dúvidas e medos. Estás segura, mas por vezes um pouco receosa de não conseguires levar isso avante. Tens também muito coral e cor-de-rosa, o que significa atividade, mas por vezes misturas isso com mais verde do que branco, o que indica o teu desejo de ajudar os outros independentemente deles próprios. Isso não é o caminho de Deus.

Mulher de meia-idade, professora:

Há muito cinzento-chumbo na tua aura, não só devido à tua condição física, mas porque tens duvidado das tuas próprias crenças. Tornaste-te receosa daquilo a que confiaste todo o teu ser interior. Há também alguns borrões de branco que surgem do teu eu intelectual superior e das tuas intenções e propósitos espirituais. Alarga esses. Tens também muito índigo, indicando busca espiritual. Há verde, mas muitas vezes com uma orla vermelha, pois por vezes gostarias de estar no lugar do outro e que ele estivesse no teu, para que soubesse o que passas.

Mulher de meia-idade, trabalhadora de serviço social:

A tua aura tem vindo a crescer cada vez mais para o azul escuro, dourado e branco, com cada vez mais branco. Espero que não chegue totalmente ao halo, pois então temeria que estivesses a deixar-nos. Tens branco com dourado, o que mostra capacidade para ajudar os outros a ajudarem-se a si próprios. Tens a capacidade de magnificares as virtudes de um indivíduo e minimizares os seus defeitos.

Jovem mulher, empregada de escritório:

A tua aura é bela, mas muitas vezes tornas-te muito receosa. Por vezes és facilmente insatisfeita. Há muito azul, o que é bom. Deverias usar mais azul. Talvez não gostes, mas isso ajudar-te-á a pensar com clareza. Conseguirás cantar ou assobiar mais vezes enquanto trabalhas se usares azul. Se não o usares por fora, usa-o junto ao corpo. Há também alguns minerais a que és suscetível, especialmente pedras verdes — não pela sua qualidade curativa para ti, mas pelas influências úteis que te permitirão dar aos outros. Controlas os outros bastante pelo que dizes e fazes, mais do que imaginas, mas há muito coral na tua aura, o que significa que te tornas receosa das tuas próprias escolhas e infeliz no teu ambiente.

Jovem mulher, enfermeira:

Na tua aura há muito verde, mas muitas vezes apagá-lo com azul e depois riscá-lo com vermelho. Não gostaria de estar por perto quando fazes esses riscos, e a maioria das pessoas que te

conhecem sente o mesmo, pois quando te deixas levar é um verdadeiro espetáculo de mau génio. Tens muita capacidade, especialmente para atuar como influência curativa e útil para os outros. Por isso, a cor principal na tua aura é o verde, mas risca-lo quando queres fazer as coisas à tua maneira.

Jovem mulher, estudante:

A tua aura está a mudar. Há muito índigo, indicando a buscadora. Este índigo nem sempre está numa linha regular, parece mais renda à volta da tua cabeça. Acredito que isto indica que haverá uma mudança nas tuas relações com certos grupos de pessoas em breve.

Dei estes exemplos para mostrar como as cores se misturam para formar uma aura e como mudam de tempos a tempos. Não espero que muitos de vós consigam ver estas cores à volta dos outros, embora tenha a certeza de que alguns de vós têm esse poder sem se aperceberem. Podeis tornar-vos conscientes das cores e aprender a ler auras a partir das roupas das pessoas e das cores predominantes nos seus ambientes — as suas casas, os seus escritórios, até a cor dos seus automóveis, dos seus cães e das flores que escolheram plantar nos jardins.

Pode ser um jogo fascinante reparar como qualquer pessoa com vitalidade e vigor tem sempre um toque de vermelho numa peça de roupa, num quarto ou num jardim; reparar como as pessoas calmas, fiáveis, seguras de si e espirituais nunca são vistas sem azuis profundos — é quase como se tornassem as coisas azuis só por estarem perto delas. Repara como as pessoas alegres e solares, que gostam de rir e brincar, e que nunca se cansam nem desanimam, usam amarelo dourado e parecem colorir as coisas de amarelo, como uma flor de ranúnculo debaixo do queixo.

As cores refletem a alma e o espírito, a mente e o corpo, mas lembra-te que indicam falta de perfeição, incompletude. Se fôssemos tudo o que deveríamos ser, emanaria de nós um branco puro. Esforça-te para isso e, quando o vires nos outros, segue-o como se fosse uma estrela. É-o. Mas nós, que temos de encontrar

consolo em coisas menores, podemos tirar conforto do azul, força do vermelho e felicidade na risada e no sol do amarelo dourado.

Quadro de Cores

Cor	**Nota Musical**	**Planeta**	**Interpretação**	**Aflição**
Vermelho	Dó	Marte	Força, Vigor, Energi	Nervosismo, Egoísmo
Laranja	Ré	Sol	Pensamento pelos outros, Consideraçã	Preguiça, Repress
Amarelo	Mi	Mercúrio	Saúde, Bem-estar, Amizade	Timidez, Fraqueza de Vontade
Verde	Fá	Saturno	Cura, Útil	Misturado com Amarelo – Engan
Azul	Sol	Júpiter	Espiritual, Artístico, Altruísta	Luta, Melancolia
Índigo	Lá	Vénus	Busca, Religioso	Problemas Cardíacos e Estomacais
Violeta	Si	Lua	Busca, Religioso	Problemas Cardíacos e Estomacais